



**CENTRO DE ESTUDOS OCTAVIO DIAS DE OLIVEIRA
FACULDADE UNIÃO DE GOYAZES
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**FUTEBOL: A VIOLÊNCIA QUE ASSOLA AS ESTRUTURAS DO
ESPETÁCULO**

**Antônio das Graças Costa Júnior
Israel Gonçalves Martins**

Orientador: Prof. Esp. Hederson Pinheiro de Andrade

Trindade - GO



FACULDADE UNIÃO DE GOYAZES
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**FUTEBOL: A VIOLÊNCIA QUE ASSOLA AS ESTRUTURAS DO
ESPETÁCULO**

Antônio das Graças Costa Júnior
Israel Gonçalves Martins

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade União de
Goyazes como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
Educação Física.

Orientador: Prof. Esp. Hederson Pinheiro de Andrade

2012.

ANTÔNIO DAS GRAÇAS COSTA JÚNIOR
ISRAEL GONÇALVES MARTINS

**FUTEBOL: A VIOLÊNCIA QUE ASSOLA AS ESTRUTURAS DO
ESPETÁCULO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Educação
Física da Faculdade União de Goyazes
como requisito parcial à obtenção de
título de Bacharel em Educação Física,
aprovado pela seguinte banca
examinadora:

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Esp. Hederson Pinheiro de Andrade

Prof. Esp. Ulysses Neiwa Nakamura

Prof. Ms. Ali Kalil Ghamoum

Trindade - GO

2012

AGRADECIMENTOS

Somos sinceramente gratos primeiramente a Deus que nos deu mais essa conquista, aos nossos Familiares em especial a Sra. Marise Aparecida Neves Costa, Naise Pereira Rocha e a Sra. Felícia Azevedo Gonçalves e Luiz Felipe Gonçalves e a todos os colegas acadêmicos.

Somos também muito gratos a todos os professores especialistas, mestre e doutores que contribuíram para nossa conquista e em especial aos professores Esp. Hederson Pinheiro de Andrade e Ali Kalil Ghamoum pela dedicação em suas orientações nos ensinando o caminho certo a ser seguido para a conclusão deste trabalho.

GANHAR DE QUEM?

Será mesmo necessário ganhar? De onde vem a necessidade do ser humano de ganhar? O futebol do futuro vai ser sem gol como única aferição da vitória e sem juiz. O movimento do gol será festejado pelos dois times e cumprimentado os autores. Nem será necessário a bola transpor a linha. Uma bela jogada de conclusão infeliz será considerada meio gol pelo time adversário que aceitará a qualidade de sua urdidura e mandará anotar o meio ponto.

O resultado final será a mescla do número de gols, como o de escanteios, o de jogadas consideradas belas e atitudes dignas de registro. Os dois times se reunirão para proclamar a ambos. Comemorarão o fato de terem feito o espetáculo, aproveitando para verificar em que pontos melhoraram.

No futebol do futuro o adversário não servirá para ser superado ou superar e sim para ajudar a conferir em que aspectos cada time superou-se (a si próprio e não ao adversário). O adversário nem assim se chamará: Será "o solidário" as notícias dirão.

Será o texto acima o de uma utopia ou o homem do futuro assim o fará liberto do mito do herói e da necessidade de não perder.

No dia em que o homem se tornar inteligente, e efetivamente livre, o esporte vai ser uma aferição exclusiva da auto-superação com a ajuda do outro, na condição de solidário e não de adversário. Deverá empenhar-se o máximo e o melhor que saiba. Como solidário e não como adversário, os desempenhos desportivos melhorarão enormemente. "O que faz a mão tremer na hora de retesar o arco é a obrigação de acertar", já o disse, há milênios, a sabedoria do taoismo chinês.

Ganhar dos demais é eco do tempo em que, para sobreviver o animal tinha que disputar a comida com os da própria tribo. A humanidade levou milênios nessa atitude. A disputa entre os sistemas políticos, entre os homens nas lições e entre os desportistas são uma rememoração inconsciente da longa etapa (milênios) na qual o preço da própria vida era a capacidade de disputar a presa com o semelhante.

A cada vitória o homem tem a sensação de preservação a própria vida bem como a cada derrota infiltra-se "sorradeira" a idéia da morte disfarçada pelos signos da depressão, tristeza e falta de ânimo. Os fracços devem morrer, reza a lei da natureza bruta, que o homem supõe ter superado sem efetivamente o ter logrado. Ânimo é (etimologicamente) alma e sem ela a vida é morte.

Ganhar o que de quem e para que? Qual o sentido de ganhar? O que se ganha, ganhando? Uma alegria superpassageira e fugaz, algo culpada até porque há sempre alguma crueldade embrulhada na mais legítima vitória.

Pessoas e países, estes, aprisionados dentro do mito do herói (e não são poucos) entram na mesma paranóia e se transformam em enormes máquinas de capital e de estado destinados a manter o poder, a força e a hegemonia de qualquer grupo, classe, burocracia ou casta dominante.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 MATERIAIS E METÓDOS	09
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	09
3.1 História do Futebol.....	09
3.2 A História do Futebol no Brasil.....	12
3.3 A Violência no esporte.....	14
3.4 Leis – Estatuto do Torcedor	18
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
6 REFERÊNCIAS.....	23

FUTEBOL: A VIOLÊNCIA QUE ASSOLA AS ESTRUTURAS DO ESPETÁCULO

Antônio das Graças Costa Júnior¹
Israel Gonçalves Martins²
Prof. Esp. Hederson Pinheiro de Andrade³

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade discorrer sobre a violência existente nos campos de futebol. A violência no esporte ocorre dentro e fora dos campos, não podendo ser isolada da violência soberana no conjunto das relações sociais, portanto, são as mesmas consignações gerais que condicionam todas as manifestações de violência. O objetivo geral do presente artigo é compreender a origem do futebol, atrelado a violência, compreendendo que o atual futebol se configura com tamanha violência em função de sua origem, arraigando em todos os envolvidos principalmente no torcedor esse sentimento. A pesquisa valeu-se de uma revisão bibliográfica da história do futebol, da compreensão da violência, principalmente no esporte e do estatuto do torcedor. Ao final do estudo concluiu-se que existem soluções para a violência nos estádios, se houver uma ação imediata no respeito ao Estatuto, na intervenção do profissional de Educação Física em busca da educação dos praticantes e maiores ações da Federação Internacional de Futebol (FIFA), para encarar esse que é um verdadeiro problema social.

Palavras chaves: Violência. Futebol. Estatuto. Torcedor. Estádio.

FOOTBALL: THE VIOLENCE IN STRUCTURES OF THE SHOW

ABSTRACT

This work aims to discourse on violence in soccer fields. Violence in sport occurs within and outside the camps, and cannot be isolated from violence sovereign in all social relations, because they are the same general assignments that affect all manifestations of violence. The general objective of the present article is to understand the origin of football, coupled to violence, understanding that the current football is configured with such violence in function of their origin, which is rooted in all the involved mainly in digests a this feeling. The research a bibliographic review of the history of soccer, the understanding of violence, especially in the sport and the status of digests a. At the end of the study it was concluded that there are solutions to the violence in stadiums, if there is an immediate action in respect to the statute, in the intervention of professional of physical education in search of the education of

¹ Acadêmico do Curso de Educação Física da Faculdade União de Goyazes.

² Acadêmico do Curso de Educação Física da Faculdade União de Goyazes.

³ Orientador: Professor da Faculdade União de Goyazes.

practitioners and larger shares of the International Federation of Football (FIFA), to look for that which is a real social problem.

Key Words: Violence. Football. Statute. Follower. Stadium.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por finalidade discorrer sobre a violência existente nos campos de futebol. Pode-se compreender o futebol como sendo o esporte considerado por muitos a grande paixão popular e caracterizado pela crítica esportiva como o maior fenômeno social dos últimos anos.

Segundo Filho (2006, p. 17) “A violência no esporte ocorre dentro e fora dos campos e quadras, estádios e ginásios, não podendo ser isolada da violência soberana no conjunto das relações sociais”. Portanto, são as mesmas consignações gerais que condicionam todas as manifestações de violência.

O objetivo geral do presente artigo é compreender quais os tipos de violências existentes no futebol desde a sua origem. Os objetivos específicos são: discorrer sobre história do futebol no mundo e no Brasil; analisar as formas de violência existentes no esporte; discorrer sobre o Estatuto do Torcedor.

O interesse e o motivo pela escolha do presente tema se devem ao fato que a violência a cada dia está mais presente nos estádios. Em razão disso, acaba afastando muitos torcedores do estádio, que vem optando por várias vezes, assistir aos jogos em casa, diante do conforto e, principalmente, distante da violência.

Vemos cotidianamente na mídia em geral, notícias sobre violência nos dias de jogos, portanto, não resta a menor dúvida de que o futebol é um esporte em que ocorre muito contato, muitas vezes até de forma bem agressiva, que pode acabar acarretando em agressividade física, o que caracteriza, dessa forma, o futebol como um esporte violento.

No presente estudo discute-se sobre a história do futebol no mundo e no Brasil, enfatizando a violência no geral e no esporte, ressaltando também o Estatuto do Torcedor.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo foi desenvolvido por meio de pesquisas bibliográficas, sendo realizados em: livros, revistas, artigos publicados na internet, entre outros.

Conforme Andrade (2001 p.126), “A pesquisa bibliográfica tanto pode ser um trabalho independente como constituir-se no passo inicial de outra pesquisa.”

De acordo com Gil (2002, p. 48), “A pesquisa bibliográfica é realizada a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Para isso, foram utilizados os princípios científicos da pesquisa bibliográfica, através de livros, dissertações, monografias e artigos científicos. A pesquisa bibliográfica permite analisar diversos textos, livros e outros para o desmascaramento de ideologia subjacente.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 Histórias do Futebol

As origens do futebol são mais remotas do que se possa imaginar e encontram-se indefinidas na Antiguidade. De acordo com os registros históricos e as narrativas de vários autores existe muita polêmica sobre esse ponto. Os arquivos relacionados à história do futebol se restringem aos livros, artigos e gravuras, principalmente no que se diz a respeito de seus precursores.

O patriarca na árvore genealógica do futebol, foi o *Kemari*, inventado pelo senhor Yang-Tsé na China há 2600 anos (a. C.). O *Kemari* era jogado por duas equipes de oito jogadores de cada lado num campo que media cerca de 14 metros quadrados e com duas estacas fincadas no chão ligadas por um fio de seda; dentro da bola colocavam-se cabelos e crinas para que ficasse cheia. O jogo consistia em tentar passar a bola com os pés além das estacas, sem deixá-la cair. (FOER, 2005, p. 25)

O significando desta prática chamada *Kemari* é o de “pontapear a bola”, sendo a mesma originada do Japão. Cabe ressaltar que as mulheres não podiam participar do *kemari*. Ele era praticado desde tempo do imperador Huang-Ti há 2500 anos (a. C.). (FOER, 2005)

Na Grécia antiga, encontram-se várias indicações positivas de jogos precursores do futebol; um deles é o *Epyskiros*, o qual era disputado com uma bola feita da bexiga de boi, coberta com uma capa de couro. O jogo era praticado com qualquer número de participantes. (BORSARI, 1989)

O *Epyskiros* era disputado na cidade de Esparta. Neste jogo existia duas equipes compostas de 9 jogadores ou até 15, dependendo do tamanho do campo que era retangular. Esse tamanho variava conforme o tamanho dos jogadores participantes, o campo possuía linhas de metas de fundo de cada lado. A bola era de bexiga de boi com areia, e o objetivo do jogo era arremessar a bola sobre a linha de meta do adversário, e consequentemente pontuarem para vencer o jogo. (BORSARI, 1989)

Os romanos, por volta de 1500 (a. C.), adotaram a bola e detalhes do *Epyskiros*, criando o *Harpastum*, que era um jogo de militares que se dividiam em defensores e em atacantes. (BORSARI, 1989)

Apesar dos registros da Idade Média serem raros a respeito destes esportes, o que se sabe é que já naquela época a bola conquistava a atenção e a simpatia de multidões. O esporte era violento, a quantidade de atletas era ilimitada, praticamente não existiam regras e as regulamentações do jogo começam a surgir somente a partir de 1660, mas a sua grande transição deu-se quando esse tipo de “Jogo” chegou às Escolas Superiores e à Corte inglesa passando, então, a assumir um outro *status* (HELAL, 1997, p. 52).

Segundo Heleal (1997) a regulamentação ocorreu durante o século XVI, o registro da época mostra que o nome era *Hurling Over Country*, e o objetivo do jogo era levar a bola à praça da cidade oposta. Mesmo com o início da regulamentação não foi possível acabar com as batalhas campais que aconteciam ao final do jogo, entre cidades vizinhas, chegando até a morte de alguns de seus praticantes.

Com tais batalhas os reis Eduardo II e Eduardo III proibiram a prática do jogo na Inglaterra no período de 1314 e 1349. Mesmo com a proibição, os praticantes jogavam clandestinamente e com um aumento significativo de adeptos. A violência

ainda predominava até a mudança do jogo de *Hurling Over Country* para *Hurling Over Goals*.

Num episódio histórico, num jogo de *Hurling Over Country*, 1000 jogadores, 500 de cada lado, disputaram uma partida onde o objetivo era o de levar a bola até a praça central da cidade de Chester – Inglaterra.

O futebol contemporâneo surgiu com discussões a respeito dos verdadeiros precursores da modalidade. França, Inglaterra, Itália e Escócia, reclamavam para si a invenção do esporte. O que se sabe é que os ingleses organizaram e sistematizaram o futebol. Já na Itália aspiravam à organização do futebol. Em 17 de fevereiro de 1529 ocorreu um fato na Piazza Santa Croce (Itália), onde grupos políticos resolviam problemas sociais através de uma disputa com bola. Nesse jogo havia 27 jogadores e a partida durava cerca de 2 horas sendo chamado de *cálcio*. Suas regras foram estabelecidas em 1580, por Giovanni di Bardi. O berço do *cálcio* foi na cidade de Florença. (BOURDIEU, 1993)

Os países Itália, França, Inglaterra e Escócia avivaram o esporte em geral, mas logo esta modalidade se transformou em um esporte violento, principalmente na Inglaterra e Escócia. Com isso, constata-se que aquilo a que assistimos no futebol atual em todo mundo (sua violência em campo) já vem desde seus primórdios. Podemos até dizer que desde aquela época, as pessoas já transferiam seus problemas pessoais e sociais para os jogos, transformando o que deveria ser uma prática saudável e divertida, tanto para os jogadores quanto para a torcida, em verdadeiras batalhas entre os seus praticantes e espectadores, que depositavam ali uma boa parte de suas angústias, aflições e desavenças do dia-a-dia, muito próximo ao que podemos observar na atualidade nos estádios de futebol na chamada “era moderna” (BOURDIEU, 1993, p. 87).

Segundo Bourdieu (1993), na prática do *Cálcio*, as roupas dos jogadores eram rasgadas, as pernas quebradas, os dentes arrancados. Com isso as críticas eram inúmeras e surgiram as proibições e manifestações contra esse tipo de disputa, conhecidas então como *massfootball*, ou seja, esporte de massa.

O futebol como é jogado nos dias de hoje, chegou à França em 1872; à Suíça, em 1879; à Bélgica, em 1880; à Alemanha, Dinamarca e Holanda, em 1889; à Itália, em 1893, aos países da Europa Central, em 1900. Vendo tamanha proporção que o futebol tomara em todo mundo, fez-se necessária a criação de uma entidade para representá-lo. Pensando dessa forma, no dia 21 de Maio de 1904, delegados da França, Bélgica, Dinamarca, Holanda, Espanha Suécia e Suíça

reuniram-se em Paris para fundar a *Football Internacional Federation Association – FIFA*. (CARVALHO, 2006)

De acordo com Foer (2005), no dia 23 do Maio de 1904, os fundadores reuniram os amigos e interessados para realizar o Primeiro Congresso onde elegeriam a diretoria e aprovariam os Estatutos. Seu primeiro presidente foi Robert Quérin e sua tarefa inicial foi conseguir novos membros, principalmente os ingleses, que em abril de 1905 se associaram à Federação.

O primeiro grande êxito foi a admissão da FIFA como membro do *International Board* em 1924, já sob a presidência de Jules Rimet, que criaria anos depois a Copa do Mundo, realizada, a partir de então, de quatro em quatro anos.

A FIFA é o maior e o principal órgão hierárquico do futebol internacional que estabelece, coordena, orienta e dirige as políticas e ações dessa modalidade esportiva até o presente momento, mantendo uma atuação política importante e muito influente no crescimento e organização desse esporte (FOER, 2005, p. 28).

O futebol atualmente é um esporte mundialmente conhecido e praticado, mas para chegar a esse nível várias coisas aconteceram. O fato mais importante que ocorreu com o futebol foi a fundação da *International Football Association Board* em Londres, no dia 02 de junho de 1886. A entidade tornou-se a responsável pela regulamentação do jogo. (DUARTE, 1997)

Os ingleses só adotaram o futebol como seu esporte principal quando, a rainha Vitória, permitiu novamente a sua prática, uma vez que reis antecessores, por inúmeras vezes, tentaram extinguir seus precursores, mediante a sua proibição em função da violência de sua prática.

Mesmo com tamanha violência, o futebol ganhou aceitação das demais nações. Essa aceitação deve-se principalmente em função de permitir a sua prática as classes menos favorecidas, e quando não, permitir esse esporte como um verdadeiro campo de batalha para resolução de problemas entre pessoas e comunidades, o que é arraigado até hoje entre os praticantes.

3.2 A História do Futebol no Brasil

Existem divergências e vários pontos de vista a respeito do surgimento do futebol no Brasil. Como parte de nosso trabalho trataremos da origem do futebol em nosso país de acordo com os autores citados, remetendo a sua prática voltada a interesses econômicos, trabalhistas e violentos.

O Futebol Chegou ao Brasil com a vinda ao país de marinheiros ingleses, holandeses e franceses, na segunda metade do século XIX.

Esse esporte era praticado pelos trabalhadores (marinheiros) dessas embarcações estrangeiras nas areias das praias próximas aos portos onde os navios ficavam atracados durante várias semanas. Outros registros relatam-nos que funcionários de São Paulo *Railway* de Jundiaí teriam aprendido a jogar em 1882, num campo improvisado na área externa da própria fábrica. Também consta na literatura registros de que os funcionários da Leopoldina *Railway*, do Rio, no mesmo ano experimentaram a prática do futebol quando jogavam entre si, nos períodos de folga do trabalho (CARVALHO, 2006, p. 16).

Para tanto, o reconhecimento da origem do futebol no Brasil, estabeleceu-se através do brasileiro Charles W. Miller em 1984, que conheceu o esporte na Inglaterra, trazendo para o Brasil o conhecimento para a divulgação, possibilitando a sua prática em nosso país.

Já na década de 1920, o futebol se popularizou como sendo o mais praticado entre os esportes da época. Coube também a elite intelectual expressar diversas críticas a respeito dessa nova prática esportiva.

O escritor Graciliano Ramos chegou a afirmar em uma de suas crônicas “Traças a Esmo”:

O futebol é a prova da superioridade européia sobre o brasileiro. A sua popularidade é apenas passageira (*fogo de palha*) pelo frágil biotipo dos que aqui habitam.

Os verdadeiros esportes regionais estão aí abandonados: o porrete, o cachação, a queda de braço, a corrida a pé, tão útil a um cidadão que se dedica ao arriscado ofício de furtar galinhas, a pega de bois, o calto, a cavallhada, e o melhor de tudo, o cambapé, a rasteira. A rasteira! Esse sim é o esporte nacional por excelência. (HELAL, 2001 *apud* BUSANELLO, 2010).

Devido a grande quantidade de críticas, vindas dos escritores e intelectuais, criou-se a “*Liga Contra o Foot-ball*”, presidida pelo escritor Lima Barreto no qual tentava a proibição do esporte no país usando como justificativa de supostos malefícios da prática do mesmo, como brigas e mortes.

Monção (2011) alega que chegaram a ser discutidas limitações para o exercício do futebol. Em 1916, a Academia Nacional de Medicina estudou a hipótese da proibição do jogo para menores de 18 anos.

O futebol também não foi bem recebido pela classe trabalhadora. Segundo Busabello (2010, p. 5)

As lideranças sindicais da época, compostas em sua maioria por anarquistas e comunistas, viam o esporte com desconfiança, por acharem-o uma forma de alienação produzida pelos donos das fábricas para desviar a atenção do proletariado em relação à causa operária. Para tais lideranças, o futebol era “mera expressão da manipulação consumista e alienante da burguesia”. (grifos do autor)

Percebendo a massificação do futebol, os líderes sindicais começaram a perceber que através do esporte, poderiam aproximar líderes e oposição, usando o futebol como manobra política. É importante ressaltar que a relação com os líderes sindicais começou a mudar a partir da década de 1910. Partidas entre times operários, eram realizadas para divulgação da doutrina trabalhista. Foi assim que em 1919 criou-se o Festival Operário onde equipes formadas pelos operários disputavam amistosos entre si.

Sendo assim o futebol, hoje é preferência nacional. Milhões de apaixonados lotam estádios, fazendo da camisa de seus times um verdadeiro manto sagrado de adoração. Assistimos ainda tamanha paixão, atrelada a violência, imposta pelos mais variados interesses, sejam eles raciais, econômicos ou sociais.

3.3 A Violência no esporte

Segundo o Dicionário Houaiss (2001) violência é a “ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra (alguém); ato violento, crueldade, força”. No aspecto jurídico, o mesmo dicionário define o termo como o “constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem; coação”.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define violência como dor e sofrimento evitáveis, já os especialistas conceituam que violência é a imposição de dor, agressão cometida por uma pessoa contra outra; mesmo porque a dor é um conceito difícil de ser definido. (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2007)

Segundo Filho (2007) “a violência tem sido objeto de reflexão filosófica, de pesquisa científica, produção artística, manifestações religiosas, expressões míticas, ações políticas, enfim, todo o composto social e forma simbólica”.

Ressalta-se que existem vários tipos de violência, e a violência física é considerada um sério tipo de agressão nos dias atuais.

A violência física pode deixar sinais ou sintomas que facilitam a sua identificação: hematomas, arranhões, queimaduras e fraturas. O estresse crônico gerado em razão da violência também pode desencadear sintomas físicos, como dores de cabeça, fadiga crônica, dores nas costas e até distúrbios no sono (DIAS, 2010, p. 64).

Segundo Dias (2010), a violência física ocorre com o contato corporal procedente de atitudes do sujeito ativo contra a vítima. A consolidação ou não da lesão corporal inferior para os casos mencionados, constitui na simples busca para se conseguir o contato físico corporal aceitável para a escolha de violência física. Esse tipo de violência é a mais comum e atinge indiscriminadamente toda pessoa vítima de violência doméstica.

De acordo com Dias (2010) as violências psicológicas são entendidas como sendo condutas causadoras de danos emocionais ou que visa degradar ou controlar comportamentos, constrangimento, humilhação, perseguição, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica ou à autodeterminação.

Segundo Filho (2007), violência psicológica se mistura à violência emocional, sendo esta com mais gravidade que a física. A conduta se produz quando o agente ameaça, humilha ou discrimina a vítima.

A violência psicológica se depara com forte fundamento nas relações desiguais de poder entre os sexos. É a mais frequente e talvez seja a menos denunciada. As vítimas, nem se dão conta que agressões verbais, silêncios prolongados, tensões, manipulações de atos e desejos são violência e devem ser denunciadas. Para configurar danos psicológicos não é necessário laudo técnico ou perícia.

A violência psicológica ou agressão é caracterizada por rejeição, discriminação, humilhação, desrespeito e punições exageradas. É uma agressão que não deixa marcas corporais visíveis, mas emocionalmente causa cicatrizes para toda a vida. (DIAS, 2010)

Também existem as violências morais, sendo caracterizada por conduta que configure calúnia, difamação ou injúria. A calúnia refere-se ao ato de atribuir falsamente a alguém a responsabilidade pela prática de impacto definido como crime. A difamação é o ato de atribuir a alguém determinada ofensa a sua reputação. A injúria é o ato de atribuir a uma pessoa uma ação que venha a ferir sua dignidade. “Apesar de as situações de humilhação não serem amplamente divulgadas, deparamo-nos com as referidas práticas todos os dias” (ALENCAR; LA TAYLLE, 2007).

Complementando a afirmação dos autores supracitados Dias (2010, p. 73) afirma que

A violência moral encontra proteção penal nos delitos contra a honra: calúnia, difamação e injúria. São denominados delitos que protegem a honra, mas, cometidos em decorrência de vínculo de natureza familiar ou afetiva, configurando violência moral. Na calúnia, o fato atribuído pelo ofensor à vítima é definido como crime. Na injúria não há atribuição de fato determinado, mas na difamação há atribuição de fato ofensiva à reputação da vítima. A calúnia e a difamação atingem a honra objetiva; a injúria atinge a honra subjetiva. A calúnia e a difamação consumam-se quando terceiros tomam conhecimento da imputação; a injúria consuma-se quando o próprio ofendido toma conhecimento da imputação (DIAS, 2010, p. 73).

Segundo Sá e Shecaira (2008) a violência moral é diferente da psicológica. Trata-se de ofensas, no qual atinge a honra do sujeito passivo. Esse tipo de violência é classificado no Código Penal como calúnia, injúria e difamação.

Segundo Pimenta (2000) a violência vem ganhando elemento significativo na agenda social, em específico nos veículos de comunicação de massa, tornando-se centro das preocupações do poder público e do homem contemporâneo. Portanto, deve ser observada por outro ângulo cada vez menos político e planejado, para que não seja utilizada, como cenário de “espetáculo” e banalização humana.

Segundo Filho (2006) o esporte pode ser uma prática social construída historicamente. Sendo assim, o esporte não tem qualquer essência que não possa ser mudada, devendo ser compreendido no quadro mais amplo das produções culturais, vinculadas à infraestrutura econômica da sociedade atual.

No que se refere ao futebol, no Brasil foram desencadeadas análises e propostas voltadas para o enfrentamento da violência nos estádios como decorrência da ação de torcidas organizadas ou de grupos de torcedores que promovem brigas (até planejando-as com antecedência pela Internet).

Dentre as propostas de Filho (2007) para reduzir o número de ocorrências deste tipo em estádios de futebol estão:

- Numeração de todos os lugares nos estádios e controle da torcida por câmeras de vídeo.
- Prisão de torcedores violentos nos dias de jogos de seus clubes.
- Cadastramento e controle rigoroso das torcidas vinculadas aos clubes.
- Aplicação imediata e rigorosa das penas previstas para os crimes de agressão cometidos nos estádios e suas cercanias.
- Aumento no preço dos ingressos.
- Engajamento de clubes, federações, confederações e atletas em campanhas e manifestações contra a violência no esporte.
- Penalização de clubes nas competições, em decorrência de ações violentas de suas torcidas.
- Maior rigor da arbitragem e afastamento ou punição de árbitros tecnicamente despreparados ou que não atuem para coibir a violência em campo (pois esta estimula a violência na torcida). (FILHO, 2007, p: 4)

Pode-se compreender que estas medidas devem ser voltadas para o controle nos eventos desportivos.

De acordo com o tema proposto do presente estudo, a violência nos esportes, especificamente no futebol não surgiu apenas agora, mas sim há muito anos atrás.

A violência associada ao esporte é um fenômeno mundial. No Brasil, a discussão sobre essa questão ganhou impulso a partir de um evento que, por sua publicidade e pelas circunstâncias em que ocorreu, tornou-se emblemático e desencadeou reações imediatas de diferentes setores da sociedade. Trata-se da briga entre torcedores das equipes de futebol do São Paulo F.C. e da S. E. Palmeiras, ocorrida por ocasião do jogo final de um torneio de futebol da categoria "júnior", no estádio do Pacaembu, na cidade de São Paulo, no dia 25/01/96. As cenas de agressão entre os torcedores, amplamente divulgadas pela televisão, chocaram a opinião pública do país, e repercutiram também no exterior. A morte de um torcedor e os ferimentos em dezenas de outros, embora não fossem eventos novos, mobilizaram autoridades e a imprensa em torno da discussão da violência no esporte e da busca de medidas para enfrentamento do problema. (FILHO, 2006, p.47)

Segundo Filho (2007), a violência no esporte ocorre dentro e fora dos campos e quadras, estádios e ginásios. Sendo assim, esta prática não pode analisada de maneira isolada, já que se manifesta em vários espaços.

Nesse sentido, segundo Lerner (1996, p. 45)

(...) as causas da violência no esporte devem ser buscadas na sociedade. E aqui não há como escapar ou negar que a exclusão social é um fator preponderante dentre as múltiplas causas da violência. A pobreza, as péssimas condições de vida, o desemprego, a falta de escola, de moradia, de cultura, de lazer etc. Tudo isso gera situações de frustração e de impotência, tendo como consequência a falta de perspectiva de vida e a desesperança, presentes, inclusive, em nossa juventude.

A violência que vem ocorrendo nos meios esportivos acaba atingindo a popularidade do esporte. Assim sendo, quando há um torcedor se expressando de forma ilimitável, toda a sua agressividade acumulada pode ter sido originada não da situação do jogo, mas, sim, do meio social.

Conforme o art. 1º A da Lei 10.671 de 15 de maio de 2003, do Estatuto do Torcedor:

Art. 1º-A A prevenção da violência nos esportes é de responsabilidade do poder público, das confederações, federações, ligas, clubes, associações ou entidades esportivas, entidades recreativas e associações de torcedores, inclusive de seus respectivos dirigentes, bem como daqueles que, de qualquer forma, promovem, organizam, coordenam ou participam dos eventos esportivos. (Incluído pela Lei nº 12.299, de 2010).

Portanto, é necessária a conscientização de todos para que possa acabar com a violência no esporte, cabendo ao poder público, as confederações, federações, ligas, clubes, associações ou entidades esportivas, entre outros, fazerem os seus papéis.

3.4 Leis – Estatuto do Torcedor

A Lei n. 10.671 de 15 de maio de 2003 era a que dispunha sobre o Estatuto do Torcedor, sendo a mesma alterada pela Lei 12.299/10 de 27 de julho de 2010. Esta Lei dispõe sobre medidas de prevenção e repressão aos fenômenos de violência por ocasião de competições esportivas.

Segundo o art. 1º *“é dever de toda pessoa física ou jurídica colaborar na prevenção aos atos ilícitos e de violência praticados por ocasião de competições esportivas, especialmente os atos de violência entre torcedores e torcidas”*.

O art. 2º define que *“os estádios de futebol e ginásios de esporte onde ocorram competições esportivas oficiais não poderão vender mais ingressos do que o número máximo de capacidade de público existente no local”*.

Conforme o artigo acima, por meio destas medidas será possível evitar a violência entre as torcidas dos times que estão atuando.

Há no Estatuto do Torcedor uma condição de ampliação do Código de Defesa do Consumidor na área das práticas desportivas, na efetivação das partidas, e todo o processo que tais eventos necessitam. A Lei buscou abranger toda modalidade de esporte que apresente acesso garantido ao público torcedor, assim sendo, na prática, isso constitui quase que totalmente abordar o assunto do ponto de vista da prática do futebol e de seu respectivo público.

O referido dispositivo legal discorre sobre vários aspectos da relação entre torcedor. As principais questões são:

A acessibilidade às informações indispensáveis para o acesso aos jogos;
Disponibilidade dos ingressos às partidas, não omitindo a abordagem da questão da meia entrada e seus destinatários;
Segurança necessária nos estádios;
Higiene a ser mantida em todas as dependências dos estádios;
Comercialização de gêneros alimentícios, sendo que aspectos ligados a este, como conservação dos mesmos, será assunto diretamente ligado ao Código de Defesa do Consumidor;
Assistência médica para todos os presentes no evento esportivo em curso;
A criação da figura do ouvidor pelo mesmo estatuto, incumbido de receber reclamações e sugestões por parte dos torcedores, dirigidas aos organizadores dos eventos.
Ampla informação e orientação acerca de cada ponto do estádio, além de pontos de atendimento aos torcedores para esclarecimento de qualquer informação de cunho mais trivial (esta última norma é obrigatória para estádios com mais de 20 mil assentos)⁴.

Conforme visto no Estatuto do Torcedor, há vários aspectos da relação entre torcedor, tais como: a acessibilidade às informações; a segurança necessária nos estádios, a higiene nos estádios; a comercialização de gêneros alimentícios, entre outros.

A presente lei também foi responsável pela inovação por trazer vastos dispositivos versando sobre a segurança nos estádios, no maior fomento às divisões inferiores e de base de todos os esportes de público, tornando-os mais competitivos, de melhor qualidade e capazes ainda de atrair um público espectador.

⁴ Disponível em <http://www.infoescola.com>> Acesso dia 15 de abril de 2012.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O futebol oferece dimensões positivas conectadas ao espetáculo, à motivação e alegria de várias pessoas, mas, conforme visto, o mesmo tem acarretado a violência, em que muitos noticiários esportivos vem mostrando que, tanto no campo, entre os jogadores, quanto na arquibancada, entre os torcedores, vem acontecendo um grande índice de violência.

Assim sendo, cabe destacar conforme Lauzid (2008) uma das formas mais cruéis de violência no futebol, existente tanto no campo quanto nas arquibancadas, quanto fora delas, dentre os quais, pode-se citar o racismo, que por sinal permanece desde os primórdios do futebol, quando exclusivamente brancos e ricos aristocratas praticavam e podiam praticar esse esporte.

A violência nos estádios de futebol passou a ser considerada um problema social, uma vez que tomou uma proporção tão grande e um grande incômodo aos interesses em torno do evento esportivo. Essa violência é provocada principalmente pelas torcidas organizadas, uma vez que a quantidade de pessoas envolvidas é muito grande, dificultando, inclusive, o trabalho da polícia e ferindo, ou até matando, pessoas inocentes (LAUZID, 2008, p. 02).

Em se tratando de violência no futebol, é necessário que todos tenham consciência, para que o mesmo se torne menos violento e gerador de menos violência, envolvendo segundo Filho (2007) dois planos distintos e relacionados: a educação para a prática esportiva e a educação para a apreciação do esporte como espetáculo.

A educação para a prática esportiva é uma tarefa que, no Brasil, necessita submergir, necessariamente, a categoria dos professores de Educação Física.

Nas escolas, nos clubes, nas escolinhas de esporte, em ONGs, enfim, em todos os espaços institucionais em que ocorrem iniciação e competições desportivas, professores de Educação Física podem ensinar práticas que tenham como fundamento o respeito a si e a outros, colocando a integridade humana em primeiro plano, rejeitando cabalmente a ideia de que o resultado da competição é o que mais importa. Tal orientação pedagógica implica a articulação de uma visão crítica em relação ao esporte e às ideologias da “vitória a qualquer preço” com propostas concretas de encaminhamento da prática esportiva, que tenham como referências a integridade e o bem-estar de todos os nela envolvidos. Para tanto, não basta o trabalho isolado de professores, pois é preciso articular competições esportivas que se organizem em torno de uma orientação educacional comum. Por

exemplo, pode-se, por um lado, introduzir alterações nas regras, de modo a inviabilizar atitudes violentas e, por outro lado, estimular a integração entre os adversários, após as disputas, por meio de diferentes estratégias (confraternização, análise técnica e tática dos jogos feita em conjunto pelas equipes etc.). (FILHO, 2006, p.52)

No tocante a educação para a apreciação do esporte como espetáculo, além de abranger a atuação educacional dos profissionais de Educação Física, não pode abstrair do apoio de outros meios de comunicação social, como em especial o rádio, a TV e a imprensa.

Segundo Filho (2007) embora essa atuação já venha ocorrendo, é preciso uma ação mais clara e sistemática desses meios de comunicação, no sentido de relativizar a importância do resultado das competições, de modo que estes não se transformem em pretextos para atitudes violentas.

É preciso, por exemplo, insistir na idéia de que a vitória ou a derrota de uma equipe, em uma competição esportiva, não pode ser encarada como indicativo de qualquer tipo de mérito ou demérito para seus torcedores. Outra ideia que pode ser difundida continuamente é relativa ao caráter simbólico da vitória ou da derrota e à ausência de consequências importantes destas para a vida dos torcedores. Cabe ressaltar o fato de que a emoção do ato de torcer é significativa, mas deve se limitar ao momento da competição e não se prolongar, com a mesma intensidade, para além deste. Esta ideia articula-se a uma outra: o espetáculo esportivo deve ser encarado como uma atividade de lazer, tal como outros espetáculos – cinema, teatro, circo, música etc. Assim, ainda que os espectadores, em todas estas manifestações, continuem elaborando, comentando, discutindo ideias e sentimentos estimulados pelos espetáculos, após o seu término, devem ter clareza de que não se encontram mais na situação lúdica e imaginária em que os espetáculos ocorrem, ou seja, que voltaram ao “mundo real” (FILHO, 2006, p. 53).

No entendimento a essas propostas pode-se esbarrar em um obstáculo de natureza genérica, nem por isto, menos limitante: o poder da ideologia liberal, que consagra a competição e a valorização da vitória e dos “mais fortes”.

Segundo Filho (2007) a ideologia, à prática social que predomina na vida econômica e política (onde se busca a vantagem a qualquer preço), induz à ideia que o esporte regulado a princípios priorizam a saúde, integridade e o bem-estar de todos é um esporte para fracos – no dia a dia é “cada um por si e Deus por todos”.

Diante do que foi exibido é importante ressaltar que o futebol merece ser encarado com mais profissionalismo por sua organização suprema a FIFA, uma vez que várias pessoas estão envolvidas e os jogadores, como protagonistas desse

espetáculo necessitam ter consciência de que desempenham um grande papel na vida de várias crianças, sendo considerados ídolos para elas.

Contudo, não restam dúvidas de que a violência se caracteriza como sendo parte intensa da categoria de toda a sociedade moderna e de que as causas políticas e sociais apresentam suas parcelas de culpa por tudo que vem acontecendo nos estádios de futebol. Enfim, cabe às autoridades públicas e a toda a sociedade oferecer a sua contribuição para que se possa manter o controle dentro dos estádios e também harmonizar o deslocamento de jovens torcedores para outras praças de lazer.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente estudo foi discorrer sobre o futebol, tendo como objeto de estudo a violência que assola as estruturas do espetáculo.

A violência nos estádios de futebol passou a ser considerada um problema social, uma vez que tomou uma proporção tão grande e um grande incômodo aos interesses em torno do evento esportivo. Essa violência é provocada principalmente pelas torcidas organizadas, uma vez que a quantidade de pessoas envolvidas é muito grande, dificultando, inclusive, o trabalho da polícia e ferindo, ou até matando, pessoas inocentes.

No futebol existe a violência entre os próprios jogadores, e principalmente entre os torcedores, sendo que a violência exacerbada dos torcedores não poderia ser entendida de forma simplista. A violência ocorrida no futebol é uma reprodução da violência instaurada na sociedade.

Conforme visto sobre a história do futebol, o esporte tinha as regras bem violentas, sendo que algumas ainda permanecem nos dias atuais. O futebol foi organizado e revisado nas suas regras. No Brasil manteve-se a estrutura de violência, já que o futebol foi meramente utilizado como massa de manobra das classes operárias gerando a violência social.

Diante do exposto, existe uma possibilidade de construir o esporte como manifestação voltada para a promoção da saúde, do bem-estar, do prazer e da solidariedade entre pessoas, portanto, configura-se como processo educativo, que deve envolver tanto profissionais que atuam na formação do praticante e do

espectador (profissionais de Educação Física) como os agentes sociais responsáveis pela difusão do esporte como espetáculo.

É necessário que o futebol seja encarado com mais profissionalismo pelas suas instituições organizativas, uma vez que milhões de pessoas estão envolvidas e os jogadores, como protagonistas desse espetáculo devem ter a consciência de que exercem importância muito grande na vida de várias crianças, posto que são considerados ídolos para elas.

6 REFERÊNCIAS

ALENCAR, Heloisa Moulin de; TAILLE, Yves de La. **Humilhação: o desrespeito no rebaixamento moral**. Arq. bras. psicol. [online]. 2007.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo: Atlas, 2001.

BETTI, M. **Violência em campo: dinheiro, mídia e transgressão às regras do futebol espetáculo**. Ijuí: Ed. Unijuí, 1997.

BOURDIEU, P. **Como é possível ser esportivo**. In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1993.

BRASIL. Lei 10.671 de 15 de maio de 2003.

BUSANELLO, Lorenzo Mattei. **Patriotismo em época de copa do mundo de futebol**. Florianópolis, 2010. Disponível em: <http://www.kinein.ufsc.br>> Acesso dia 01 de junho de 2012.

BORSARI, José Roberto. **Futebol de campo**. São Paulo. EPU. 1989

CARVALHO, Alexandre. **Futebol: história e bastidores de uma paixão nacional – Goiânia – GO – 2006**.

DIAS, Maria Berenice. **A lei Maria da Penha na Justiça: a efetividade da Lei nº. 11.340/2006 de combate à violência doméstica e familiar contra a mulher**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2010.

DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro Instituto Antônio Houaiss. Ed. Objetiva, 2001.

DUARTE, Orlando. **Futebol historia e regras**. São Paulo: Markron Books, 1997.

FILHO, Carol Kolyniak. **Discutindo o conceito de esporte**. Discorpo, 14. São Paulo: Departamento de Educação Física e Esporte da PUC-SP, 2006.

FILHO, CAROL KOLYNIK. **Violência Urbana no Esporte**. 2007. Disponível em: <http://www.revistapucviva.com>> Acesso dia 28 maio de 2012.

FOER, F. **Como o futebol explica o mundo**: um olhar inesperado sobre a globalização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HELAL, R. **Passes e impasses**: futebol e cultura de massa no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

HELAL, Ronaldo. Estádios Vazios, **Ausência de Ídolos**: Notas para uma Reflexão sobre a Crise do Futebol Brasileiro. In Futebol: 100 Anos de Paixão Brasileira (Pesquisa de Campo), no. 0. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/UERJ, 2000.

LAUZID, Allan. **A violência nos estádios de futebol**. 2008. Disponível em <http://www.ebah.com.br>> Acesso dia 20 de maio de 2012.

LERNER, Julio. **A violência no esporte**. São Paulo: IMESP, 1996.

MONÇÃO, Dayane Miranda. **Futebol no Brasil**. 2011. Disponível em: <http://www.blogspot.comr>> Acesso dia 01 de junho de 2012.

PIMENTA, CARLOS ALBERTO MÁXIMO. **Violência entre torcidas organizadas de futebol**. *São Paulo Perspec.* vol.14, n.2, pp. 122-128. 2000. Disponível em <http://www.scielo.com.br>> Acesso dia 20 de maio de 2012.

Relatório Mundial de Violência e Saúde. Organização Mundial de Saúde (2007) Disponível em: <<http://www.opas.org.br/cedoc/hpp/ml03/0329.pdf>> Acesso em 25 maio.2012.

SÁ, Alvino Augusto; SHECAIRA, Sérgio Salomão (Org.). **Criminologia e os problemas da atualidade**, SÃO Paulo: Editora Atlas, 2008.

